

Moderados conquistam a Constituinte

LEDA FLORA

Com um trabalho organizado e silencioso, deputados do PMDB, aliados a outros do PFL, do PDS e do PL, provocaram a primeira rebelião consequente da Assembléia Nacional Constituinte. Surdos às expectativas e à orientação das lideranças, optaram por um caminho independente. Nas subcomissões, atropelaram rela-

tórios e decidiram no voto sobre aspectos essenciais, como uma nova ordem econômica radicalmente privatizante, a derrocada da reforma agrária e o sistema parlamentarista. No momento mais confiante, unido e orgânico, o grupo moderado acredita que pode dar o tom ao trabalho constituinte. Contudo, políticos de expressão como os deputados Expedito Machado (PMDB-CE) e Humberto Souto

(PFL-MG) entendem que agora é a vez da negociação.

A avalanche moderada surpreendeu, e os líderes pararam para pensar. Luiz Henrique e Fernando Henrique Cardoso, das bancadas peemedebistas da Câmara e do Senado, estão atentos e já falam em negociação para que a futura Carta não consagre retrocessos. Nenhum deles reconhece

que esse primeiro round seja de fato o desenho do trabalho final. O líder do PMDB na Assembléia, Mário Covas, frisa não ter projeto pessoal, mas apenas apego ao programa partidário. Ele não admite facções no PMDB, por vê-lo como um todo, e, sem maior inclinação para entendimentos, avisa: "Se quiserem me destituir, será fácil. É só operar nessa direção".

Dissidência ganha no voto

A responsabilidade maior pela virada na Constituinte coube ao centro democrático do PMDB, um grupo com um pouco mais de cem constituintes, que se sentiram marginalizados pelas decisões do líder Mário Covas e decidiram dar-lhe as costas. Eles buscaram espaço em importantes subcomissões e, na hora da decisão, ganharam no voto.

A arregimentação começou com a idéia da formação do bloco Interpartidário de sustentação ao governo, cuja formação ficou a cargo do líder Carlos Sant'Anna, indicado pelo presidente Sarney. A partir daí, Sant'Anna iniciou pesquisa sobre a posição ideológica dos constituintes. Entre os coordenadores de bancadas identificou nada menos do que 17 aliados. Estes, então, passaram a trabalhar junto aos deputados e senadores dos seus Estados, em busca de uma estratégia que fizessem contraponto ao esquerdismo. Além disso, foi feito um mapeamento de forma a deixar as subcomissões e as comissões temáticas bem cobertas pelo grupo, que acabou rotulado de "centro democrático".

Em seguida, o grupo concentrou seu trabalho nas subcomissões. Promoveu reuniões, algumas delas em residências utilizadas por empresas privadas para lobbies; outras na Câmara, e usaram também os apartamentos funcionais dos constituintes. A identidade foi também buscada em outros partidos, como o PFL, o PL e o PDS. Assim, as reuniões passaram também, numa segunda etapa, a ter características interpartidárias.

O presidente Sarney chegou a receber algumas vezes, reservadamente, representantes do centro democrático, como os deputados Expedito Machado, coordenador da bancada do Ceará, e Marcos Lima, coordenador da bancada mineira.

Os governadores, motivados por promessas recentes do presidente Sarney, também deram seus empurrões, como Álvaro Dias, do Paraná, e Newton Cardoso, de Minas. Finalmente, eles chegaram a tal organização que votaram nas subcomissões com o "sim" e o "não" previamente acertados.

Agora, a idéia é repetir a estratégia nas comissões temáticas, sem contudo utilizar o fator surpresa, que tanto marcou a presença moderada nas decisões das subcomissões da Constituinte.

A MAIORIA, SEM VOZ
O deputado Expedito Machado, garante que ninguém se voltou contra Covas, e seu grupo, sem líderes,

quer apenas praticar as regras democráticas e simplesmente ser ouvido: "O centro é a base parlamentar do partido e, se ficar marginalizada, é sinal de que alguma coisa não está certa. Formamos uma maioria silenciosa e queremos ter voz. Não somos uma maioria silenciosa, e nossa base é a coordenação das bancadas".

Ele acredita que para onde balançar o centro democrático irá a Constituinte, mais à direita ou mais à esquerda. Alerta que o grupo tem os pés no chão, é sensível aos aspectos sociais e pretende uma Carta avançada, de acordo com a História que está sendo vivida pelo País. Expedito Machado reclama do tratamento dado por Covas aos moderados, admite que foram esmagados nas escolhas dos cabeças das comissões temáticas e das subcomissões.

comissões temáticas e das subcomissões. "Agora, nós demos o troco" — diz o deputado mineiro, acrescentando que, na Subcomissão dos Princípios Gerais da Intervenção do Estado, nada menos do que oito dos 11 peemedebistas rasgaram, na prática, o parecer do relator Virgildásio de Senna (PMDB-BA); o próprio Lima, Renato Johnsson (PR), Gil César (MG), Nyder Barbosa (ES), Antônio Carlos Franco (SE), Irapuá Costa Júnior (GO), Albano Franco (SE) e Gustavo Faria (RJ).

Enfático contra Covas, Marcos Lima diz que a dissidência pode até aumentar e que o líder, sem dúvida, é o grande derrotado por ter brigado com o grupo e feito avaliações erradas.

Ele conta que os peemedebistas fizeram reuniões para não ficarem

quanto Covas mantém distância, o multipresidente Ulysses Guimarães chega-se ao centro democrático e quer colaborar. Embora já tenha optado por cinco anos de mandato para Sarney, reconhece a situação de maioria dos moderados e a tendência ao crescimento do grupo.

Para ele, Covas não passa de um "holofote", chamando para si a atenção nacional. Isso porque a figura do líder é representativa e, no campo operacional, funciona muito pouco. Sempre criticando Covas, acrescenta: "Nossa atitude é de autodefesa. O holofote é forte mas, se nos organizarmos, não penetrará na unidade construída".

O deputado avisa que o grupo, na Comissão da Ordem Econômica, atuará de acordo com a maneira de agir do relator Severo Gomes (PMDB-SP), mas sem a pretensão de balizar o trabalho final. Informa que o grupo está estrategicamente dividido nas várias comissões, de forma a impedir o domínio esquerdista. Essa divisão, segundo o deputado, coube a ele mesmo, ao líder Carlos Sant'Anna, aos deputados Borges da Silveira (PR), Antônio Gaspar (MA), Albérico Filho (MA) e Osvaldo Sobrinho (MT) e ao Senador João Calmon (ES). Mas ele se rotula de líder de Sarney e conta que o presidente Sarney apreciou os primeiros resultados obtidos.

Numa demonstração de confiança, Marcos Lima acredita que, dos 63 integrantes da Comissão da Ordem Econômica, a espinha dorsal da futura Carta constitucional, de 37 a 40 constituintes vão votar em bloco, sem maiores discussões.

O deputado Renato Johnsson (PMDB-PR) é outro que culpa Covas pelos desencontros na Subcomissão dos Princípios Gerais da Intervenção do Estado, esclarecendo: "Se não participo, tenho o direito de votar como quero. Isso é um alerta". Ele relembra que os descontentes com a orientação da liderança começaram a conversar e, de reunião em reunião, chegaram à opção privatizante: "O que houve — explica — foi um desvirtuamento nos trabalhos iniciais, com a radicalização da esquerda. Mas na Constituinte ninguém pode influenciar o voto das pessoas. Eu fui eleito por um setor moderado, que não quer radicalizar, e sempre defendi a livre iniciativa. Não estou preocupado com a esquerda, e certo de que a Constituinte será moderada e sensível aos problemas da justiça social. Até onde puder não vou permitir nenhuma socialização. Temos de mudar".



Oswaldo Sobrinho, Marcos Lima, Borges da Silveira e Expedito Machado, coordenadores de bancadas, são o núcleo original do movimento "centro democrático"

Lembra, porém que nas democracias vale mesmo a vontade das maiorias. "Quem tem voto, leva; quem não tem, grita".

O deputado cearense revela que tem conversado com o presidente Sarney e atesta que seu grupo o apóia por entender que a transição passa por ele, mas enfatiza a condição de independente: "Não temos nada com o líder Carlos Sant'Anna e não somos grupo de diretas".

Animado, ele percebe que o multipresidente Ulysses Guimarães acordou e passou a enxergá-lo e, rindo um pouco, salienta: "Antes, não quisermos acreditar em nós".

O deputado Marcos Lima (PMDB-MG) aponta como marco do movimento o descumprimento de promessas de Covas referentes à escolha dos presidentes e relatores das

mas mãos do relator Virgildásio, cuja dificuldade de relacionamento em território. No início, eram seis. Logo depois, oito. Naturalmente se aproximaram dos liberais Jales Foutoura (GO), Gilson Machado (PE) e Rubem Medina (RJ). Questão de afinidade. O liberal Guilherme Afif Domingos (SP) integrou-se, e o mesmo fizeram os pedessistas Delfim Netto (SP) e Roberto Campos (MT).

Com o cerco mais fechado, novas reuniões. Em uma delas, definiram a forma de votar. A partir daí, não mais foram assiduamente às reuniões da subcomissão, até porque sabiam da impermeabilidade do relator e já haviam optado pela surpresa: "A identidade de pensamento é a grande responsável por essa aglutinação", diz Marcos Lima.

O deputado acredita que, en-

Afif, o maior defensor da livre iniciativa

Pouco depois de confirmado como o deputado federal mais votado na Capital, Guilherme Afif Domingos disse que ia para a Assembléia Constituinte "bater no sistema", caso o governo estivesse ao lado do povo, ou "bater no governo", se fosse contra o povo. Há poucos dias, quando as propostas estatizantes foram derrotadas no plenário do Congresso, cumpriu a palavra e anunciou: "Acabou a vez do berro".

O vitorioso é considerado hoje o líder do pensamento liberal na Constituinte e sua atuação na Subcomissão de Princípios Gerais da Economia foi uma das responsáveis pela mudança da tendência entre os deputados. Não é a primeira vez que Afif reverte uma situação adversa. Ocupando a pasta da Agricultura de São Paulo, conseguiu ser o único secretário a não sair com a imagem desgastada diante da opinião pública durante uma administração impopular como a de Paulo Maluf.

Encerrada sua participação no governo estadual Afif rompeu com o Palácio do Planalto, após uma série de desentendimentos com o ex-presidente João Figueiredo e o então ministro Delfim Netto. Coerente com suas idéias, o atual deputado passou para o minúsculo Partido Liberal (PL) e se transformou na maior estrela da agremiação. Agora viaja constantemente, nos fins de semana, para conferências e seminários em vários pontos do País.

Lançou sua candidatura a deputado federal apoiado na brilhante utilização do diminuto espaço de tempo que possuía na televisão e obteve 508 mil votos. Para o empresário (Companhia de Seguros Indiana), de 43 anos, personalidade afável e trato fácil, o apoio representou a confiança da população às idéias simples que defende: livre iniciativa e liberdade empresarial.

Em outras palavras, Guilherme Afif Domingos deseja um tipo de "social-liberalismo" para substituir o que chama de "social-estatismo", em que a eficácia empresarial, sobretudo das micros e pequenas empresas, e a descentralização do Estado será a força motriz da economia. Ele mesmo já previu como virá a mudança: "O Brasil em breve assistirá a uma revolução nos moldes da Revolução Francesa, mas sem violência. A arma a ser usada pelo povo é o voto". Enquanto a transformação não ocorre, o deputado liberal continua atacando o Estado sempre que considerar as decisões lesivas à população.

Machado, líder do centro democrático

O deputado Expedito Machado (PMDB-CE) começa a pensar em deixar a vida pública. Quando terminar o atual mandato, talvez se recolla para ler os livros que conseguiu apenas empilhar pela preferência. Talvez viaje um pouco pelo mundo e leve uma vida mais saudável, frequentando com assiduidade a fazenda em Crateús, no Ceará, que conheceu aos cinco anos de idade e conserva ainda hoje, aos 68.

Menino do sertão, ele não foi à escola quando criança. Em compensação, teve a felicidade de começar seus estudos com uma professora muito especial, a mãe do escritor Gerardo Melo Mourão, com quem aprendeu a ler e escrever.

Em 1930, com 12 anos, deixou o sertão e foi para Fortaleza: 14 dias de caminhão, cavalo, canoa e a pé, sem indícios. Estudou no Internato Colégio Cearense. Depois, completou o secundário do Colégio Militar. Cumpriu essa etapa, pensou em fazer carreira no Exército, mudou-se para o Rio e acabou cadete da Escola Militar do Realengo. "O ministro Leonidas Pires Gonçalves foi meu bicho (calouro). O general Ivan de Souza Mendes, também" — lembra. Quase oficial, largou tudo, retornou ao Ceará e começou a trabalhar numa empresa da família. Hoje, é um empresário bem-sucedido.

A partir de 1945, bafejado pelos ares democráticos, envolveu-se com políticos. O cunhado Walter Cavalcanti, deputado pelo PSD, era também um amigo chegado. Mas morreu precocemente e deixou um espaço aberto. Expedito Machado, ouvindo amigos, ocupou-o. Em 54, deputado estadual pelo PSD e, em 58, deputado federal. Cumpria o segundo mandato na Câmara, mas acabou ministro de Viação e Obras Públicas do governo João Goulart, em 63.

Em 14 de junho de 64 foi cassado, preso, respondeu a IPM e, diante de constrangimentos morais, exilou-se na França. No exílio aproximou-se de Juscelino Kubitschek. Em 66, voltou e instalou-se no Rio. Fazia contatos com o amigo Tancredo Neves e com deputados do Ceará. Queria a política numa época melhor, mais aberta. Teve de esperar a transição democrática e só voltou aos palanques em 86.

No velho PSD, era do grupo invisível, que articulava mudanças no partido. No PMDB, hoje, é do centro democrático, que também busca uma oxigenação partidária interna. Antes, era apontado como esquerdista. Nos últimos tempos, direitista. Mas, como ele próprio esclarece, nem lá nem cá, apenas um moderado.

Souto foi o "puxador" da Frente Liberal

Aos sete anos de idade, o deputado mineiro Humberto Souto, do PFL, começou a trabalhar na lavanderia do pai, recolhendo roupas, no município de Montes Claros. A família era grande e os oito irmãos trataram também de começar cedo. Hoje, aos 52 anos, casado, quatro filhos, ele diz que continua fixado no trabalho, e não reclama de obrigações e cansaço.

Aos 14 anos, a mãe do deputado liberal comprou uma fazenda. E o administrador foi o menino Humberto. Trabalhou duro mas conseguiu estudar, naquela época, o bom era a chegada das férias, quando a família se reunia, barulhenta e alegre.

Quando chegou o momento de cursar o velho Científico, a mudança: não havia dinheiro para o colégio particular. A mãe decidiu que o melhor seria Belo Horizonte, onde um político conhecido daria ajuda. Viajou, buscou o deputado durante 30 dias, não o encontrou, e acabou novamente em Montes Claros. Ali, fez o curso de técnico em Contabilidade, enquanto trabalhava num escritório do ramo. Formado, partiu para um negócio próprio, no município de Capitão Enéas. Três anos mais tarde, abriu um escritório maior em sua cidade.

Então resolveu estudar Direito e optou pelo Rio. Sempre que dava, corria a Montes Claros para supervisionar os negócios. Envolveu-se com futebol e clubes. Ganhou densidade popular, conheceu as rodas políticas e elegeu-se, em 61, vereador pelo PSD. Tentou a Assembléia Legislativa em 66, mas perdeu. Em 70, pela extinta Arena, chegou a deputado estadual; em 74, ao primeiro mandato na Câmara. Agora, como constituinte, vive o quarto.

Dois vezes presidente da Comissão de Tomada de Contas e Fiscalização Financeira, ex-vice-presidente e várias vezes presidente da Câmara nas ausências do deputado Ulysses Guimarães, no ano passado, Humberto Souto conserva os sentimentos em Minas, embora não perca de vista a perspectiva nacional.

Afinal, foi o primeiro "puxador" da Frente Liberal. Movimentou-se sem descanso pela formação da Aliança Democrática e, antes de sua concretização, fez o presidente José Sarney sonhar com ela. Aliás, no dia em que Sarney rompeu com o PDS, Humberto Souto estava ao seu lado. Na mesma noite, durante uma conversa ainda tensa pelos problemas políticos, ambos exibiam uma convicção: a necessidade da Frente Liberal.



Machado (PMDB) e Souto (PFL), contra a estatização

Não há rebelião no PMDB, afirma o líder

O líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique, não vê uma rebelião na Constituinte, mas uma tomada de posição caracterizada pelo voto ideológico. Lembra que, no início dos trabalhos, o pessoal mais à esquerda defendia a convicção pessoal e não a orientação partidária. Por conta disso, avalia, a direita aproveitou: "A dúvida em torno do monopólio estatal do petróleo é um risco e arripa a consciência da Nação. Nós não podemos ter um milímetro de retrocesso", diz.

Luiz Henrique acredita que a maioria do PMDB segue a facção histórica do partido e demonstra preocupação com as desavenças havidas nas subcomissões. Trocando em miúdos, não admite que o centro democrático seja majoritário e não se sente pessoalmente desatado.

Mesmo assim, preconiza o entendimento, observando que as decisões constituintes não podem ser fruto de grupos, mas do conjunto, sob pena de tornar o PMDB caudatário no processo. E arriça: "As coisas vão pelo leito natural nas etapas seguintes e o extrato final será progressista".

Para o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, a rebelião está caracterizada no PMDB, mas não contra a liderança e sim contra o programa partidário. Ele descrê de um formidável mapeamento do centro democrático nas comissões temáticas e critica os primeiros resultados: "Houve uma bridadeira nos lados social e econômico, pelas decisões extremas, e acho cedo para considerar esses resultados como indicadores finais".

Ele considera que a avalanche moderada buscou forçar uma negociação, mas não a considera majoritária, bem como não admite a hipótese de uma unidade à prova de todas as pressões e injunções. Observa que o centro democrático não fechou o bloco com o PDS, o PFL e o

PTB, garantindo que próceres pedessistas já avisaram que não estão dispostos a servir de massa de manobra.

O líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, transformado numa espécie de vilão pelo centro democrático, reage: "Há lugar para líder na Constituinte porque o momento é de consciência. Mas, antes de tudo, é preciso tê-la".

Ao contestar que tenha dado privilégios à esquerda, sustenta que ao escolher os oito relatores das comissões temáticas buscou, na média, o perfil do PMDB: "Até o Prisco Viana está na lista", chama a atenção. Assinalou que também se preocupou com o equilíbrio regional, lembrou que o tempo para as escolhas, em virtude das normas regimentais, foi escasso, garantiu que todos os relatores têm competência e arrematou: "Faria tudo de novo".

Ao comentar a posição do deputado do centro democrático Marcos Lima, que afirmou ter-lhe dado o troco, Covas disse que ele não está pensando a liderança, mas o País. Ressaltou que uma posição pessoal não pode ficar acima dos interesses da Nação, estranhando a colocação do deputado mineiro.

"Ninguém vai impor uma Constituição exclusiva, nem o PMDB. A Constituinte está muito acima da figura do líder e uma represália a mim parece paradoxal. Não é caso para agravos ou desagorvos, agrados ou desagorvos às lideranças. Não sou líder da grande esquerda e nem sei do que estão falando quando se referem ao centro democrático. A maioria do partido é peemedebista. Vivo no PMDB desde que existe e nunca pertenci a nenhuma facção. Entre 303 constituintes só reconheço peemedebistas e não pretendo comandar nenhuma facção", disse Covas. O líder afirmou não se surpreender com o desapego e informou que não entrará em discussão sobre desacato.

Parlamentarismo, a bandeira dos liberais

Por entender que o Legislativo forte não pode conviver com o presidencialismo, a não ser sob constantes conflitos, o deputado Humberto Souto (PFL-MG) optou pelo parlamentarismo, sem levar em consideração a preferência do líder José Lourenço. Para o deputado, o resultado do confronto entre os dois Poderes levaria às seguintes direções: renúncia ou suicídio do presidente, sua deposição ou então um golpe de Estado.

E foi assim que ele votou na Subcomissão do Poder Executivo, convencido de que presidencialismo leva também ao "afilhadismo" e a problemas com o partido mais forte, como ocorre nos dias de hoje. Ele queria seis anos para Sarney, com parlamentarismo, é claro, mas se conformou com cinco. Na subcomissão, outros quatro peemedebistas o acompanharam: Erico Pegoraro (RS), Leur Lomanto (BA), Hugo Napoleão (PI), e Enoch Vieira (MA).

Para a busca do consenso, os parlamentaristas da subcomissão fizeram reuniões e depois se tornaram impermeáveis à proposta presidencialista. Até o deputado Expedito Machado abriu mão do seu substitutivo, que abrangia uma proposta diferente para os militares, e aderiu. Agora, o grupo vai sustentar a mesma posição e, por etapas e sem proselitismo, pretende aprovar o parlamentarismo.

Nessa comissão, o deputado Generaldo Correia (PMDB-BA) seguiu o grupo, embora saliente não pertencer ao centro democrático: "Sou pelos cinco anos mas só vou até aí. Não tenho qualquer tipo de vinculação com eles. Sou pelo monopólio estatal do petróleo e o único problema foi a prioridade ao parlamentarismo", esclarece.

Já o deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG) lembra que o multipresidente Ulysses Guimarães, os líderes Mário Covas, Jarbas Passarinho e José Lourenço estão brigando pelo presidencialismo, contrariando a tendência das bancadas. Contudo, revela que ne-

nhuma dessas lideranças se valeu de instrumentos de comando para impor suas idéias, especialmente o seu líder na Câmara, Amaral Neto.

O deputado mineiro afirma que seu grande objetivo na Constituinte é chegar ao parlamentarismo e não se incomodará se, para isso, servir à direita, à esquerda ou ao centro democrático do PMDB: "É que sou apenas do bloco parlamentarista", acentua.

A EXPLICAÇÃO DAS LIDERANÇAS

O líder do PDS, Amaral Neto, assinala que a bancada teve liberdade de opinião e de voto e, por isso mesmo, nada comandou nas subcomissões: "O importante é seguir o programa do partido, que é pela livre iniciativa, contra a estatização, contra a demagogia que só fala em direitos, ignorando os deveres, e contra a xenofobia econômica e financeira". O sistema de governo, esclarece, não é programático.

O líder critica a "chantagem violenta" de tentarem dividir os constituintes em direitistas e esquerdistas, na busca de estigmatizar os primeiros, mas tem consciência de que a primeira rodada de votações, além de ser a menos importante, constitui um termômetro muito relativo. Finalmente, revela o esboço de um documento suprapartidário que pretende defender algumas idéias na Assembléia, como a defesa da propriedade privada e a reforma agrária apenas em terras improdutivas.

O líder do PFL, deputado José Lourenço, também garante não ter feito pressão alguma em busca do voto homogêneo nas subcomissões. No entanto, destaca que a hora é de conversa e de troca de idéias, desde que não torça consciências: "Este tipo de parlamentarismo aprovado não vai ao encontro da nossa realidade. Onde não se sabe onde está o líder da Nação e o chefe do governo não há condições. Não passa".



Afif, contra estatização

CASAS PRÉ-FABRICADAS CHALÉS
Finas residências Cz\$ 3.500 p/m² - Madeira Nobre-Garantia de 20 anos - Pronta entrega qualquer parte do Brasil. Av. Ipiranga, 120 Fone: 258-9854. Arq. Cajal.

A GORDA ELEGANTE
CHEGOU A NOVA COLEÇÃO MEIA ESTACAO-INVIERNO COM MODESTOS INEDITOS E EXCLUSIVOS.
48 a 60 para completar a sua elegância.
Também modelos para mocinhas.
Facilitamos até 3 pagtos. sem acrescimo.
MODAS FADA - Tel: 278-1377 - SP
Av. Liberdade, 340 Estacionamento grátis

lendo os Classificados de Empregos do Estado, aumentam as chances de melhorar seu padrão de vida. Consulte os Classificados de Empregos e encontre sua grande oportunidade.